

GRACILIANO RAMOS E A RELAÇÃO COM A ALTERIDADE NAS “MEMÓRIAS DO CÁRCERE”

Fátima Almeida da Silva (UERJ)
fatimalispector@yahoo.com.br

RESUMO

Com este trabalho, almejamos investigar a relação do personagem com a alteridade nas “Memórias do cárcere”, de Graciliano Ramos. Entendemos por alteridade o elemento outro, o diferente de si mesmo. Algumas das faces da alteridade, em nossa sociedade, seriam o negro, a mulher, o homossexual, o pobre, o favelado, o morador de rua, os presos comuns dentre outros. Nas “Memórias”, o personagem se defronta e se confronta com presos comuns e com presos políticos assim como ele. Quanto a alguns presos comuns, há uma relação inicial de rechaço, com uma posterior aceitação da diferença, pois, nas palavras do mestre Graciliano: “Há entre eles homens de várias classes, das profissões mais diversas, muito altas e muito baixas, apertados nela como em estojos. Procurei observá-los onde se acham, nessas bainhas em que a sociedade os prendeu. A limitação impediu embaraços e atritos, levou-me a compreendê-los, senti-los, estimá-los, não arriscar julgamentos precipitados. E quando isto não foi possível, às vezes me acusei.” (RAMOS, 2015, 11). Como fundamentação teórica, abordaremos os escritos de Antonio Candido e de Hermenegildo Bastos sobre as “Memórias do cárcere” e um livro organizado por Regina Dalcastagné intitulado como *Ver e imaginar o outro*.

Palavras-chave:

Aceitação. Diferença. Identidade.

RESUMEN

Con este trabajo pretendemos investigar la relación del personaje con la alteridad en “Memorias de cárcere”, de Graciliano Ramos. Por alteridad entendemos el otro elemento, lo diferente de sí mismo. Algunos de los rostros de la alteridad en nuestra sociedad serían el negro, la mujer, el homosexual, el pobre, el habitante de tugurios, los vagabundos, los presos comunes, entre otros. En “Memorias”, el personaje se enfrenta y enfrenta a presos comunes y presos políticos como él. En cuanto a algunos presos comunes, hay una relación inicial de rechazo, con una posterior aceptación de la diferencia, pues, en palabras del maestro Graciliano: “Hay hombres de diversas clases, de las más diversas profesiones, muy altas y muy bajas, apretado en él, como en pequeñas cajas. Traté de observarlos donde están, en esas envolturas donde la sociedad los ha atrapado. La limitación evitó vergüenzas y fricciones, me llevó a comprenderlas, sentir las, apreciarlas, no arriesgarme a juicios apresurados. Y cuando eso no era posible, a veces me acusaba.” (RAMOS, 2015, 11). Como base teórica, abordaremos los escritos de Antonio Candido y Hermenegildo Bastos sobre “Memorias del cárcere” y un libro organizado por Regina Dalcastagné titulado *Cómo ver e imaginar al otro*.

Palabras clave:

Aceptación. Diferencia. Identidad.

As “Memórias do Cárcere” foram publicadas em 1953, tendo sido escritas quase dez anos depois da prisão de Graciliano Ramos, no governo da ditadura Vargas. O escritor foi preso sem um processo que justificasse sua prisão, o que, por um lado, mostrou-se até mais vantajoso, pois os presos que tinham processo apresentavam uma maior dificuldade de conseguir a liberdade. As “Memórias” constituem uma publicação póstuma, em que falta o último capítulo, o qual, segundo Ricardo Ramos, filho do escritor, abordaria as “sensações da liberdade” de Graciliano, após sair da prisão. Ricardo Ramos teria ouvido do pai essa informação sobre o tema do último capítulo das “Memórias”.

Importa ressaltar que o memorialista, narrador dos acontecimentos das “Memórias do Cárcere”, por narrar quase dez anos depois, apresentaria, a princípio, um grande distanciamento em relação ao personagem que viveu a experiência prisional. O memorialista ou narrador é um outro, que ora se aproxima, ora se distancia do personagem que passou pela prisão, personagem também elaborado, construído pelo autor. Sendo assim, é comum encontrarmos nas “Memórias” comentários e reflexões do memorialista sobre o “si mesmo” que um dia ele foi, mas não é mais. Também são recorrentes as reflexões do memorialista relativas a si mesmo no presente da escrita – tanto no nível pessoal quanto no coletivo.

Neste momento do trabalho, trazemos uma reflexão de Hermenegildo Bastos, autor de “Memórias do Cárcere”: literatura e testemunho (1998). O estudioso assegura que a obra de Graciliano, de “Caetés” a “Memórias do Cárcere”, consiste em um universo de temas, problemas e técnicas trabalhados e retrabalhados de modo obsessivo pelo autor, constituindo-se sua obra em um método de conhecimento da realidade, uma pesquisa do homem e do mundo. Obra que é sempre questionada e corrigida: tal é o método do qual o autor lança mão.

Para Bastos, as “Memórias do Cárcere” empreendem uma releitura dos romances anteriores, e a leitura das outras obras é realizada no próprio texto de Graciliano, com o autor convertido em leitor dos seus livros. O estudioso cita Georges Gusdorf, afirmando que a autobiografia, para Gusdorf, consiste em uma segunda leitura da experiência, leitura que é mais verdadeira, porque soma à experiência a consciência dela.

O objetivo deste trabalho é investigar o modo como o personagem das “Memórias” se relaciona com a prisão, com os outros presos comuns e os presos políticos. Temos a hipótese de que, quando o perso-

nagem se relaciona com os presos comuns, há uma relação conflituosa, inicialmente existe um rechaço em relação ao outro; mas, posteriormente, há uma aceitação da diferença. No entanto, não observamos esse mesmo comportamento quando o preso é político. Neste caso, há uma relação amistosa dos personagens com esses últimos presos.

Vale a pena enfatizar que esse outro ou essa alteridade com a qual o personagem das “Memórias” se defronta pode ser o próprio espaço onde está, isto é, o cárcere; além dos presos comuns (uns deles são ladrões) e de alguns militares que o surpreenderão devido ao fato de apresentarem atitudes de solidariedade nos momentos mais inesperados.

As “Memórias do Cárcere” estão divididas em quatro partes. Na primeira parte, intitulada “Viagens”, o personagem é levado de Alagoas para o Recife, e dali é transportado para um quartel, onde fica instalado e onde passa a primeira noite, em uma cela. Posteriormente, Graciliano é transportado no Porão do navio Manaus, numa viagem que o leva ao Rio de Janeiro, cidade onde Graciliano é aprisionado no Pavilhão dos Primários, uma Casa de Detenção.

A segunda parte das “Memórias” (re)compõe exatamente o período vivido no “Pavilhão dos Primários”. Essas duas primeiras partes constituem o primeiro volume da obra. O segundo volume apresenta duas seções: a primeira inclui o período vivido na “Colônia Correccional”, localizada em Ilha Grande; e a segunda parte (re)constrói os dias passados na “Casa de Correção”, no Rio de Janeiro.

Ao lermos as “Memórias do Cárcere”, observamos que, no “Pavilhão dos Primários”, Graciliano não sente um estranhamento tão violento com relação aos outros prisioneiros; podemos até afirmar que ele se sente mais à vontade, já que ali estavam, em sua maioria, intelectuais (médicos, professores, ex-oficiais, jornalistas, advogados, um alto funcionário de banco), apesar de o narrador dizer que também havia gente simples no Pavilhão: “Havia ali pequeno-burgueses e operários, homens cultos e gente simples. De um lado Rodolfo Ghioldi e Sérgio, engenheiros, médicos, bacharéis; do outro lado Bagé, companheiro de Medina, e o negro forte, barrigudo, visto ao chegarmos, o estivador Santana (...)” (RAMOS, 2020, p. 183). Na Casa de Correção, a última prisão em que permanece, o prisioneiro também fica mais à vontade,

reencontrando, inclusive, antigos colegas do Pavilhão dos Primários, como Nise da Silveira e Eneida¹.

Já o “Porão do navio Manaus” e a “Colônia Correccional” são os lugares em que o personagem das “Memórias” mais sofre, mais vivencia situações-limite. Nesses lugares, o protagonista entra em contato com prisioneiros os mais diversos, de todas as classes sociais, e que estão ali, não por sua posição política, mas por serem ladrões e assassinos.

É principalmente no porão do Manaus e na Colônia Correccional que o personagem se defronta conflituosamente com a alteridade. Cabe um questionamento: como ele se relaciona com o outro? Depende. Às vezes, o “outro” provoca nojo, como o negro que vivia tocando em suas partes íntimas no Porão do Manaus.

Mas, às vezes, o “outro” pode surpreendê-lo, como os ladrões que estavam na Colônia Correccional e com os quais o personagem, amistosamente, conversava. São alguns deles: “Paraíba” que lhe conta o modo como abordava uma vítima com a finalidade de conseguir dinheiro (RAMOS, 2020, p.459); “Gaúcho”, um escrucante, que tinha um plano para fugir e que também narra ao personagem seus roubos, as misérias que fez para conseguir sobreviver a outras fugas de outras prisões (RAMOS, 2020, p. 474-5); “Cubano”, um preso comum, mas que tinha determinado poder sobre os outros presos da Colônia Correccional e que obriga o personagem principal das “Memórias” a comer, o que não dá certo e ambos encerram uma briga na qual, com certeza, o protagonista perde devido às suas condições precárias de saúde (RAMOS, 2020, p. 477); “José”, um “vadio” e “ladrão” que conta ao personagem como entrou para o mundo do crime, com a repulsa da mãe e as sovas do padrasto tendo-lhe fechado os caminhos direitos da vida (RAMOS, 2020, p. 506).

Conforme já salientamos, há uma imagem no porão do Manaus que incomoda muito o personagem: um homem tocando em suas partes íntimas com frequência. O narrador faz menção ao mal-estar que, quando prisioneiro, teria sentido, no porão do Manaus, ao observar esse homem, tanto que, ao descrevê-lo, nas “Memórias”, emprega imagens fortes, que o aproximam de um animal. Concomitantemente, o narrador

¹ Citamos os nomes próprios conforme eles aparecem nas “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, e quando nos referimos a Graciliano estamos nos referindo ao memorialista, não ao personagem principal das “Memórias”.

ênfatiza a repulsa que, na condição de prisioneiro, teria experimentado, como podemos observar nos trechos abaixo:

A imagem repulsiva me atormentava: num estrado vizinho, inteiramente nu, um negro moço arranhava os escrotos em sossego. Indignava-me; pragas interiores vinham à tona e eram engolidas; lampejos de bom senso impediam-me gritar, pedir ao tipo que tomasse vergonha. [...] Não, não era isso. O negro se coçava tranquilamente, como se ali não estivesse ninguém, e obrigava-me a espia-lo (RAMOS, 2020, p.100).

[...] O pesadelo obsceno continuava a perseguir-me. O saco escuro, repuxado a unha, alongava-se; os testículos grossos davam à porcaria o jeito de uma cabaça de gargalo fino. **Cachorro**. Indignava-me como quando ouço garotos a assobiar num bonde, mas naquele momento experimentava indignação multiplicada. As minúcias ignóbeis – a cor, a forma, a transudação – enfureciam-me contra mim mesmo. Que me obrigava a fixar a atenção nelas? (RAMOS, 2020, p. 101) (grifos nossos)

Chama-nos a atenção o modo como o personagem se refere ao homem que mexe tranquilamente em seus escrotos. Em um tom realista, o homem é chamado de “cachorro”. Esse traço realista vai comparecer em outros momentos das “Memórias” quando, por exemplo, o narrador descreve a grande humilhação que vivenciou no porão do Manaus, como podemos verificar:

No zum-zum de feira nenhuma frase perceptível; os meus pés machucavam coisas moles, davam-me a impressão de pisar em lesmas. O terrível fedor sufocava-me, a quentura da fomalha punha-me brasas na pele, e a certeza de encontrar-me cercado de imundícies levava-me a proteger a valise, resguardá-la debaixo do braço. Aguentar-me-ia em semelhante lugar? Conseguiria resistir? (RAMOS, 2020, p. 96)

Afastei-me, marchando nos calcanhars, tentando evitar as coisas moles pisadas na véspera e percebendo claramente donde vinha o cheiro forte de amoníaco. **Aquelas pessoas urinavam no chão, a um canto; o mijo corria, alagava tudo, arrastando cascas de frutas, vômitos, outras imundícies. Com as oscilações da infame arapuca, a onda suja não descansava; dificilmente se acharia um lugar enxuto. Necessário arregaçar as calças e fazer malabarismos de toda a espécie para evitar a ressaca nojenta.** (RAMOS, 2020, p. 105) (grifos nossos).

Nos fragmentos acima, a alteridade não se configura em um indivíduo, mas no próprio espaço adverso e horripilante ao qual o sujeito está exposto no momento da prisão. Nos trechos acima, o personagem estava no porão do Manaus em meio a um mar de imundícies composto por urina, fezes dentre outros elementos sórdidos. No fragmento abaixo, que se passa na Colônia Correccional, veremos, mais uma vez a alterida-

de ganhar a forma do espaço ocupado pelo sujeito, como podemos perceber:

Os males interiores refletiam-se nas caras lívidas, encaveiradas. E os **externos expunham-se claros, feridas horríveis. Homens de calças arre-gaçadas exibiam as pernas cobertas de algodão negro, purulento.** As mucuranas haviam causado esses destroços, e em vão queriam dar cabo delas. Na imensa porcaria, **os infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga.** Deficiência de tratamento, nenhuma higiene, quatro ou seis chuveiros para novecentos indivíduos. Enfim não nos enganavam. Estávamos ali para morrer. (RAMOS, 2020, p. 406) (grifos nossos)

No fragmento acima, verificamos mais uma vez um traço realista na escrita das “Memórias do Cárcere” a partir das palavras que o narrador seleciona para descrever os externos e as feridas, assim como as pernas cobertas de algodão negro e purulento. Trata-se de marcas bem próximas de uma situação real e adversa. Notemos a descrição do narrador ao dizer que “os infames piolhos entravam nas carnes”. Tal descrição se aproxima muito de um tom realista na prosa memorialística de Graciliano Ramos.

Vejamos outro momento em que o memorialista, usando palavras e imagens fortes, apresenta para nós, leitores, a repulsa que os outros causavam ao “personagem” que figura nas “Memórias”:

Que me importavam as figuras tristes consumidas no curral do arame? Preferível não conhecê-las. Para quê? Ladrões, vagabundos, malandros. Tinha-me arrastado mais de quarenta anos longe deles, sem cogitar da existência deles, e surgia-me de chofre a necessidade besta de uma aproximação inútil. [...] (RAMOS, 2020, p. 357) (grifos nossos).

Essa convivência de naturezas inconciliáveis, prolongando-se, chega a ser tortura, e explicabrutalidades, rompantes de que não nos julgamos capazes e nos envergonham. (RAMOS, 2020, p.358).

Os dois fragmentos acima são muito importantes, pois trazem as duas principais vozes que ressoam na “Memórias”: a do personagem, que aparece no primeiro parágrafo e a do narrador, que comparece no segundo parágrafo. Enquanto o primeiro fragmento nos revela um personagem hostil em relação a vagabundos, ladrões e malandros; o segundo fragmento mostra um narrador reflexivo acerca da situação vivida pelo personagem.

Vejamos mais um fragmento:

Em dois dias aquela gente começava a familiarizar-se comigo. No quartel, eu e capitão Mata vivêramos quase duas semanas a tratar-nos cerimoniosamente; guardávamos recordações que eram travancas e nos distanciavam. Agora criaturas anônimas falavam-me como se tivéssemos estado sempre juntos. Nenhum receio de molestar-nos suprimindo cortesias de fato ridículas nas situações em que nos achávamos. Lá fora tínhamos ocupações diversas, usávamos linguagens diferentes e nos distinguíamos pela roupa; **ali, no calor, mal vestidos, meio nus, usando vocabulário escasso, fundindo as gírias da caserna e da estiva, parolávamos na inércia forçada e nos famos depressa nivelando. E nenhum esforço fazíamos para isso:** era a autoridade que nos juntava, suprimira de golpe barreiras por ela própria conservadas e reforçadas. **Operários e militares sediciosos, pequeno-burgueses detidos por suspeita, socialmente valíamos tanto como o ladrão que me vendera a rede.** (RAMOS, 2020, p.126) (grifos nossos)

No trecho acima, vemos o personagem das “Memórias”, no Porão do Manaus, admitir um início de aproximação com os outros presos que antes ele chamara de vagabundos, ladrões e malandros. Tal proximidade com o outro só foi possível devido às mesmas condições a que todos estavam expostos: “mal vestidos”, “meio nus”. Os presos políticos com os presos comuns, no Porão de Manaus, estavam nivelados, tinham o mesmo valor.

Para Graciliano, afirma Candido, em “Os bichos do subterrâneo”, a prisão constitui um laboratório de onde surgem as soluções mais inesperadas e contraditórias. Ainda, a prisão funciona como uma escola de humanidade para determinadas “experiências de aviltamento, que vão desde o parasitismo dos percevejos até a dissolução da integridade moral por efeito do medo, do desespero, do envenenamento das relações, passando pela promiscuidade nos porões do navio, salas comuns, carros de presos, sem falar na tortura física e em formas repulsivas de perversão, que presenciou ou pressentiu” (CANDIDO, 1992, p. 90).

Os fragmentos anteriores corroboram o dizer de Candido, uma vez que, em um deles, o personagem tem de lidar com “infames piolhos entravam nas carnes, as chagas alastravam-se, não havia meio de reduzir a praga” (RAMOS, 2020, p. 406) – essa é uma experiência de aviltamento. Ainda, o fato de as “Memórias” constituírem um laboratório comparece no penúltimo trecho no qual o personagem se coloca no mesmo lugar que o ladrão que sumiu com seu troco dos vinte mil réis, usado pelo personagem principal das “Memórias” para comprar uma rede.

Outro aspecto que configura a alteridade, no contexto das “Memórias”, é a homossexualidade. O “personagem” Graciliano tinha muita

dificuldade em aceitar o homossexualismo, como podemos observar no seguinte fragmento, o qual, aliás, sugere que o incômodo com a condição do homossexual se estende até o momento da escrita das “Memórias do cárcere”:

[...] Na sombra espessa os lineamentos perdiam-se; **a amabilidade excessiva provocava-me uma sensação molesta, a náusea crescia; ignorando a significação daquilo, desejava afastar-me e esquecer a brandura pegajosa. Ao mesmo tempo achava-me ingrato.**

Na claridade nevoenta da manhã, divisei os traços do homem, e a lividez, o pranto fácil, o tremor, a desculpa embrulhada revelaram-me a natureza dele. Era gordo, imberbe, os olhos mansos, um sorriso doloroso nos beiços flácidos. Embora visse ali um vivente a sofrer por minha causa, **era-me impossível evitar a repulsa que sentira à noite da chegada, mas o nojo misturava-se à gratidão e ao pesar de haver estorvado o infeliz. Um infeliz, sem dúvida, firmava-me nesta convicção: tipo de sexo duvidoso, comum no ajuntamento da cadeia. A aparência equívoca e o procedimento invulgar causavam-me transtorno e a necessidade urgente de afastar-me e esquecer, embora dissesse a mim mesmo que a lembrança do caso iria perseguir-me. Nunca me vira na presença desses indivíduos assim cara a cara, sabendo-lhe as tendências.** Pela primeira vez surgia-me um deles e facultava-me o exame imprevisito do corpo e da alma. Apesar de não me ser possível nenhuma comparação, estava certo de não enganar-me. **Era aquilo, sem dúvida.** (RAMOS, 2020, p. 438-9) (grifos nossos)

No fragmento acima, vemos a atitude do personagem diante da amabilidade excessiva dos dois homossexuais: ele sente uma sensação molesta, uma náusea crescente e encerra o trecho com “era aquilo, sem dúvida”. Esse é um posicionamento que o personagem apresenta de repulsa à alteridade, mas, como sempre, nas “Memórias do Cárcere”, o narrador vai rever seu modo de olhar o outro como podemos observar no próximo trecho em destaque:

As minhas conclusões eram na verdade incompletas e movediças. **Faltava-me examinar aqueles homens, buscar transpor as barreiras que me separavam deles, vencer este nojo exagerado, sondar-lhes o íntimo, achar lá dentro coisa superior às combinações frias da inteligência. Provisoriamente, segurava-me a estas. Por que desprezará-los ou condená-los?** Existem – e é o suficiente para serem aceitos. Aquela explosão tumultuária é um fato. Estupidez pretender eliminar os fatos. A nossa obrigação é analisá-los, ver se são intrínsecos à natureza humana ou superfetações. Preliminarmente lançamos opróbio àqueles indivíduos. Por quê? Porque somos diferentes deles. Seremos diferentes ou tornamo-nos diferentes? Além de tudo ignoramos o que eles têm no interior. Divergimos nos hábitos, nas maneiras, e propendemos a valorizar isto em demasia. Não lhes percebemos as qualidades, ninguém nos diz até que ponto se distanciam ou se aproximam de nós. Quando muito, chegamos a divisá-

los através de obras de arte. É pouco: **seria bom vê-los de perto sem máscaras.**

Penso assim, **tento compreendê-los – e não consigo reprimir o nojo que me inspiram, forte demais. Isto me deixa apreensivo. Será um nojo natural ou imposto? Quem sabe se ele não foi criado artificialmente, com o fim de preservar o homem social, obrigá-lo a fugir de si mesmo?** (RAMOS, 2020, p.281) (grifos nossos)

No fragmento acima, temos acesso ao narrador refletindo acerca do comportamento “preconceituoso” do personagem das “Memórias”. O narrador admite que precisava “examinar aqueles homens, buscar transpor as barreiras que me separavam deles, vencer este nojo exagerado, sondar-lhes o íntimo (...)” (RAMOS, 2020, p. 281), isto é, o narrador, para usar as palavras de Alfredo Bosi, relativiza o dizer do personagem, demonstrando uma outra perspectiva de olhar sobre o mesmo objeto.

Mas o “outro” nem sempre é a situação a que está exposto, o ladrão, o assassino, indivíduos distantes de Graciliano Ramos, tanto moral quanto socialmente. Na primeira parte das “Memórias”, intitulada “Viagens”, uma das faces da alteridade é o Capitão Lobo, um militar que, no momento em que Graciliano parte para outra prisão, lhe oferece um empréstimo em dinheiro. A ação nobre do militar faz Graciliano desconstruir conceitos já elaborados sobre a classe dos militares.

Na terceira parte das “Memórias”, na Colônia Correcional, Graciliano está muito machucado, com dificuldade para andar, e é obrigado a caminhar um longo pedaço a pé. Como não consegue caminhar, um militar o leva em seu cavalo: é mais um momento em que o “outro” o surpreende. Como podemos visualizar:

– O senhor não pode andar. Está doente?

Passei as mãos no rosto, esfreguei os olhos e, por um rasgão do véu líquido, enxerguei um cavaleiro perto.

– Estou. E com este aguaceiro medonho piorei.

– Faz tempo que ficou aí parado, acrescentou a figura indistinta apeando. Monte.

Recusei:

– Obrigado. Não vou privá-lo da condução. Muito agradecido.

– O senhor não anda, insistiu o homem generoso. Monte.

– É inútil. Não quero.

A criatura retomou a sela e, depois de um momento:

– Bem. O cavalo vai servir para nós dois. Segure-me aqui na maçaneta.

Inclinou-se de lado, firmando-se num estribo, deixou-me espaço, mas, embora me esforçasse, as tentativas para agarrar-me foram baldas: sentia-me exausto, os dedos hirtos e insensíveis resvalavam no couro molhado. O sujeito amparou-me com um braço; em posição incômoda e torcida, levou-me a reboque, aguentando parte do meu peso. Mexi-me vagaroso no rego lamacento, diligenciei apumar-me, reduzir o auxílio do ótimo desconhecido. Afligia-me importuná-lo, e isto deve ter concorrido para vigorar-me um pouco. [...] Avancei alguns metros com vergonha e nojo; um frio intenso picou-me, frio interior, provavelmente. Difícil continuar. Parei, busquei no meu condutor uma divisa, sinal de comando. Nenhuma. Soldado raso apenas. (RAMOS, 2020, p. 494-5)

Vale a pena dizer que o encontro com a alteridade proporciona ao “personagem” das “Memórias” a possibilidade de se rever, de mudar ideias, pensamentos cristalizados, sedimentados; enfim, leva o personagem a uma experiência de aprendizagem. Observemos o fragmento abaixo:

[...] – Obrigado, tenente.

– Não senhor, sou apenas sargento.

– Perdão. Com essa luz tão fraca, difícil notar.

Aleguei a falta de luz como alegaria outra coisa qualquer, pois de fato, ignorante de uniformes, nem procurara distinguir o posto do rapaz. **Imaginará-o tenente – e surpreendia-me que houvesse inferiores tão bem-educados. Julgava-os ásperos, severos, carrancudos, possuidores de horríveis pulmões fortes demais, desenvolvidos em berros a recrutas, nos exercícios. E aquele, amável, discreto, de aprumo perfeito e roupa sem dobras, realmente me desorientava. Surpresa tola, por causa das generalizações apressadas.** (RAMOS, 2020, p. 40) (grifos nossos).

No parágrafo acima temos uma demonstração de como o personagem julgava os militares: “ásperos, severos, carrancudos...”; entretanto, após o encontro com um militar que sinaliza humildade; Graciliano se surpreende e observa que seu julgamento anterior não passava de uma generalização apressada.

Graciliano está sempre aprendendo e sendo desafiado pela alteridade. Nas terceira e quarta partes das “Memórias”, observamos a importância do olhar-se e do ser olhado, do ver-se e do ser visto. Na Colônia Correccional, Graciliano é visto como um doente, e por isso não o selecionam para trabalhar. O anspeçada Aguiar encontra uma forma de ajudá-lo, dando-lhe um lugar melhor:

– Que idade tem o senhor? Perguntou-me alguém.

Veio-me o desejo de conhecer o meu aspecto.

– Calcule.

– Sessenta e cinco anos, disse o interlocutor sem vacilar.

– Por aí, pouco mais ou menos, concordei num abatimento profundo.

Sessenta e cinco anos. Andava em quarenta e três, quarenta e três e meses. Atribuía-me sessenta e cinco. Essa carga de vinte e dois anos explicava a recusa do oficial: – “Está doente. Volte.” Uma espiada de través e a decisão: “– Volte”. **À noite, o anspeçada Aguiar, vendo-me curvo, arrimar-me à parede, tinha-me oferecido uma cadeira. Percebia agora por que me haviam mandado reunir os novatos no fim do alojamento: a velhice me permitia essa infeliz vantagem. Mas achava-me tão bambo, tão murcho, que me deixavam logo em sossego. Uma ruína, imprestável, nem servia para carregar tijolos. [...]** (RAMOS, 2020, p. 405) (grifos nossos)

Há momentos também em que o narrador/personagem se observa a partir do instante em que olha o “outro”. O personagem ainda não tinha se visto no espelho. Vejamos:

[...] As figuras estranhas apinhadas ali riam. Riam para mim, como se eu fosse uma carcaça também. Quantos meses fazia que tinham vivido comigo no Pavilhão dos Primários? Dois meses. Era, dois meses, pouco mais ou menos. E estavam assim. Talvez ignorassem que estavam assim. Estremeci. Não me acharia daquele jeito? Olhei o pijama curto e rasgado. Ultimamente dormia pouco, alimentava-me com dificuldade. Extingui a comparação desagradável. Farrapos. Regressavam da Colônia, farrapos. Iriam reconstituir-se, renascer, mas ali eram farrapos. Examinei-os. [...] (RAMOS, 2015, p. 353) (grifos nossos)

[...] Arriei no banco estreito, ladeado pelos tipos que me custodiavam desde o tintureiro, espalhei a vista em roda, colhi fragmentos de miséria em gestos moles, em fisionomias decompostas. Criaturas arrasadas; provavelmente devia achar-me assim. [...] (RAMOS, 2020, p. 370)

Já na Casa de Correção, no momento em que o personagem se vê no espelho, leva um susto, e se caracteriza como um homem sórdido, como um vagabundo sórdido, sendo muito cruel consigo mesmo. Aliás, ao longo das “Memórias do Cárcere”, o personagem é bastante crítico e severo consigo mesmo, chegando, em alguns momentos, a produzir imagens de si destrutivas. É o que observamos em uma das citações acima, na qual ele descreve como se sentia: “Uma ruína, imprestável, nem servia para carregar tijolos”.

O personagem sofreu em demasia no cárcere, experimentando o que ele chama de processo de despersonalização, tendo sido obrigado, por exemplo, a andar de pijamas diante de outros presos que andavam

nus. Quando o personagem chega da Colônia Correcional, após a caminhada que ele iniciara a pé, mas depois não aguentara, chega completamente sujo de lama, desesperado para tomar um banho. Consideramos essa despersonalização uma humilhação total pela qual o prisioneiro passa, sem condições de modificar a situação, tendo de aceitá-la. O homem é totalmente anulado nesse processo de despersonalização como é possível observar nas seguintes imagens selecionadas pelo memorialista: “(...) Éramos frangalhos; éramos fontes secas; éramos desgraçados egoístas cheios de pavor. Tinham-nos reduzido a isso” (RAMOS, 2020, p. 400). Ou seja, o protagonista se une aos outros presos e se vê reduzido a fontes secas, sem vida, e a egoístas desgraçados e com excessivo medo para parafrasear as palavras da testemunha da ditadura varguista.

Há cenas em que o personagem vivencia a humilhação. Uma delas se configura no momento em que Graciliano é obrigado a permanecer sujo e a não ter roupas limpas para usar; a comida ruim que lhe foi oferecida; as cenas dentro do Porão do Manaus, nas quais o personagem fica em um lugar cujo chão apresenta urina e fezes misturadas a uma água podre; os momentos em que ouve os gritos de um sujeito “miúdo, estrábico e manco” da Colônia Correcional, que diz: “Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer”. Além disso, há uma circunstância na qual o personagem é obrigado a escovar os dentes em uma torneira que fica sobre uma latrina suja. Eles eram obrigados a fazer suas necessidades na presença dos outros presos:

[...] Exposição humilhante era a sórdida latrina, completamente visível. Sobre o vaso imundo havia uma torneira; recorreríamos a ela para lavar as mãos e o rosto, escovar os dentes. As dejeções seriam feitas em público. A ausência de porta, de simples cortina, só se explicava por um intuito claro da ordem: vilipendiar os hóspedes. Nem cadeiras, nem bancos, inteiro desconforto; o aviltamento por fim, a indignidade. Alguém teve ideia feliz: conseguiu prender uma coberta em frente à coisa suja, poupou-nos a visão torpe. Isso nos deu alívio: já não precisávamos fingir o impudor e o sossego de animais. [...] (RAMOS, 2020, p. 168)

Nas “Memórias”, como disse Candido, há cenas de solidariedade. Um soldado no Porão do Manaus dá a Graciliano vários copos de água, e o memorialista faz uma reflexão a partir dessa cena:

[...] Precisamos viver no inferno, mergulhar nos subterrâneos sociais, para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima. Dar de beber a quem tem sede. Bem. Mas como exercer na vida comum essa obra de misericórdia? Há carência de oportunidade, as boas intenções embotam-se, perdem-se. Ali me havia surgido uma alma misericordiosa. Ato gratuito, nenhuma esperança de paga; qualquer frase conveniente, resposta de gente educada, morreria isenta de significação (RAMOS, 2020, p. 123)

Pensamos que o personagem é o espelho de um ser humano que antecipa juízos sobre outrem, mas, após o contato com o “outro”, se transforma, pois vê que a imagem que fazia da alteridade era apenas uma imagem, e uma imagem não é a experiência de conviver com o outro. A partir do momento que o olhar do “personagem” sobre o “outro” muda, o personagem – e, em consequência, o narrador – também se modifica, não sendo mais ele mesmo, mas sendo ele também alteridade, um ser mais compreensivo, mais humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere*: Literatura e testemunho. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*. In: _____. *Literaturae resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 221-37

BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*: coletânea. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 (Coleção Fortuna Crítica, v. 2)

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 199-215

_____. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DALCASTAGNÈ, Regina, org. *Ver e imaginar o outro*: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Horizonte, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao Espelho*: autobiografias, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro*: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012

MESSEDER, Carlos Alberto *et al.* (Orgs). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos*. São Paulo: Edusp, 2009.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*. A escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó: Argos, 2003. p. 13-26

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder *et al.* *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RAMALHO, José Ricardo. *Mundo do Crime – A Ordem pelo Averso*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro, São Paulo: Círculo do Livro, 2020. (Publicadas em 1953)

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Trad. de Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (Org.) Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.